



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ÂNGELA MEYRE DINIZ DE MORAIS

**A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: Um estudo sobre a prática avaliativa dos  
docentes**

João Pessoa

2018

**ÂNGELA MEYRE DINIZ DE MORAIS**

**A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: Um estudo sobre a prática avaliativa dos docentes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Esp. Isolda Ayres Viana Ramos

João Pessoa-PB

2018

ÂNGELA MEYRE DINIZ DE MORAIS

**A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: Um estudo sobre a prática avaliativa dos docentes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa.

RESULTADO: \_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Esp. Isolda Ayres Viana Ramos - Orientadora  
Universidade Federal da Paraíba

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria da Conceição Gomes de Miranda - Examinadora  
Universidade Federal da Paraíba

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa - Examinadora  
Universidade Federal da Paraíba

*A avaliação é um momento privilegiado de estudo  
e não um acerto de contas.*

*Vasco Pedro Moretto*

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer, primeiramente a Deus, por me conceder a oportunidade da formação acadêmica, de poder estar hoje aqui para desfrutar dessa graça. Sem Ele eu não teria feito absolutamente nada.

Agradeço minha querida mãe Maria Josélia (in memoriam) que por todos os anos enquanto estive aqui, me apoiou, me ajudou, mesmo doente não deixou de me assistir nesta caminhada árdua que é a formação acadêmica.

Agradeço a minha querida professora Isabel Marinho da Costa, que tive o prazer de conhecer e ser sua aluna na disciplina Avaliação da Aprendizagem, disciplina na qual me espelhei para desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso nessa temática.

Agradeço a minha orientadora Isolda Ayres Viana Ramos, que me ajudou, que teve muita paciência comigo, que acreditou em mim, e que me fez chegar na finalização deste trabalho.

Agradeço a meu ex marido Carlos Antônio que, enquanto estive comigo, me deu a assistência necessária e juntamente com minha mãe cuidou dos nossos filhos para que eu pudesse dar continuidade a meu curso.

Obrigado a todos que, de alguma forma tiveram participação em todo o meu curso, em todo este projeto, professores, amigos, entre outros.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico especialmente este Trabalho de Conclusão de Curso a dois seres que tudo fez por mim: Deus e a minha Mãe.

Amo-os por tudo que sou, por toda ajuda que me foi dada, por estarem comigo em toda a minha caminhada que não foi fácil, ela se foi para Deus, mas Ele ficou comigo para me proteger.

A meus filhos por entender a minha ausência por todas as noites, devido aos meus estudos.

A minha querida amiga Ana Paula Marinho por estar comigo em todo o curso, por dividir comigo as alegrias, as tristezas, entre tantas coisas relacionadas a nossa formação.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso com o título de “Avaliação da Aprendizagem: um estudo sobre a prática avaliativa” teve como objetivo compreender o processo de avaliação no contexto educacional a partir da prática avaliativa de professores. As concepções de avaliação na educação foram subsidiadas pelos trabalhos dos teóricos Luckesi (1996), Libâneo (1994), Hoffmann ( ) e Zabala (1998) entre outros, adentrando nos fundamentos legais e metodológicos para subsidiar não só o corpo do trabalho, mas para analisar o aspecto prático do fazer cotidiano dos professores. A pesquisa procurou esclarecer o processo avaliativos na prática docente. Para o desenvolvimento do trabalho foi utilizado a pesquisa de campo em uma escola da capital. A referida pesquisa ocorreu na Escola estadual de Ensino Fundamental II e Médio Professor Olívio Pinto, em João Pessoa, na Paraíba. Participaram como sujeitos da pesquisa professores, os quais responderam um questionário que foi utilizado para coletar os dados. Os resultados desta análise indicaram que os professores avaliam seus alunos de forma diversificada e que se utilizam geralmente de instrumentos avaliativos, especificamente, classificatório.

**Palavras-chave:** Avaliação. Docente. Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This Course Conclusion Paper titled "Learning Assessment: a study on evaluative practice" aimed at understanding the evaluation process in the educational context based on the evaluative practice of teachers. The conceptions of evaluation in education were subsidized by the works of the theoreticians Luckesi (1996), Libâneo (1994), Hoffmann () and Zabala (1998) among others, entering into legal and methodological foundations to subsidize not only the body of work, to analyze the practical aspects of teachers' everyday work. The research sought to clarify the evaluation process in the teaching practice. For the development of the work was used the field research in a school in the capital. This research was carried out at the Escola Estadual de Ensino Fundamental II and Médio Professor Olívio Pinto, in João Pessoa, Paraíba. Participants were teachers, who answered a questionnaire that was used to collect the data. The results of this analysis indicated that teachers evaluate their students in a diversified way and that they are generally used of evaluation instruments, specifically, classificatory.

**Keywords:** Evaluation. Teacher. Learning.



## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                              | <b>9</b>  |
| <b>2 A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO .....</b> | <b>11</b> |
| 2.1 HISTÓRIA E CONCEITOS.....                          | 11        |
| 2.2 OS TIPOS DE AVALIAÇÃO. ....                        | 13        |
| 2.3 OS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO .....                    | 15        |
| 2.4 AS BASES LEGAIS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ..... | 16        |
| 2.5 SISTEMA DE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA .....      | 18        |
| 2.6 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) .....         | 19        |
| 2.7 O SISTEMA DE CICLOS NA EDUCAÇÃO. ....              | 20        |
| 2.8 INSTRUMENTOS AVALIATIVOS.....                      | 22        |
| <b>3 PERCURSOS METODOLÓGICO.....</b>                   | <b>28</b> |
| 3.1 A PESQUISA .....                                   | 28        |
| 3.2 O CAMPO DE PESQUISA.....                           | 29        |
| 3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA. ....                      | 30        |
| 3.4 O INSTRUMENTO DA PESQUISA .....                    | 30        |
| <b>4 ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA.....</b>             | <b>31</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                    | <b>39</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                               | <b>41</b> |
| <b>APÊNDICE.....</b>                                   | <b>45</b> |
| <b>ANEXO.....</b>                                      | <b>47</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho intitulado “Avaliação da Aprendizagem: Um estudo sobre a prática avaliativa” é o resultado das inquietações afloradas ao cursar, especificamente, a disciplina de Avaliação da Aprendizagem no Curso de Licenciatura em Letras (Português) da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, e confrontar os saberes advindos dos fundamentos da avaliação com a própria experiência como professora há cinco anos em escolas públicas do Ensino Fundamental e do Médio.

A vida acadêmica de um profissional da área da educação, exige a necessidade de desenvolver e de ampliar o estudo sobre a avaliação da aprendizagem, como ela ocorre, como avaliar e para quê avaliar, já que este fato vai acompanhar toda a sua carreira profissional, e para que ele tenha um melhor desempenho em suas avaliações e elas não aconteçam de maneira confusa ou irregular

Nesta direção, considera-se a temática proposta no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, de suma importância para pensar a prática docente que se desenvolve no espaço escolar, sobretudo, porque compreende-se que a prática avaliativa define a situação de aprendizagem dos alunos. Em geral, quando o aluno é avaliado de forma positiva, ele se sente estimulado para estudar e ampliar a leitura e as informações sobre o conteúdo trabalhado em sala de aula, se esforça para obter maior desempenho na aprendizagem e compreende que o esforço trará o sucesso esperado.

Nesta linha de pensamento, este trabalho, teve o objetivo de compreender o processo de avaliação no contexto educacional a partir da prática avaliativa de professores. Para tanto, foram analisadas as experiências diárias vividas por professores, por meio da pesquisa de campo, realizada numa escola pública de João Pessoa, cuja coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário. Para entender melhor todo este processo, foram utilizadas bases teóricas que pudessem auxiliar no momento da análise dos dados coletados.

Para avaliar o processo de ensino e aprendizagem, é necessário compreender que fatores de ordem social e psicológica estão intrínsecas. Diante disso, no processo avaliativo, não é possível considerar apenas um dos tipos de avaliação de aprendizagem. É importante que se considere o conjunto delas, para compreender o nível de aprendizagem em que o aluno está inserido, observando durante o período letivo as transformações vividas pelo aluno no contexto escolar, para então avaliá-lo dentro das suas possibilidades, sem causar injustiças ou danos ao mesmo.

## **2 A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO**

### **2.1 UM POUCO DE HISTÓRIA E CONCEITOS**

A avaliação no contexto escolar surge a partir do século XVI quando se começou a adotar a prática de provas e exames num contexto de ameaças aos alunos e de autoritarismo do professor, o que se constituía, na época, um fator limitante da permanência de crianças e jovens na escola (LUCKESI, 2005).

Esta prática foi constante até a entrada da avaliação como ciência do estudo sistemático dos exames escolares, em 1931, ocasião em que ela começa a ser questionada e é introduzida a avaliação por objetivos previamente determinados pelo professor num exercício flagrante de controle, o que já ocorria nas fábricas e indústrias. Só a partir da década de 1960 a avaliação passou a fazer parte dos documentos dos órgãos oficiais da educação, transformando-se numa ameaça sob o pretexto de que os alunos ficarem motivados para aprender.

Segundo Lemos (1993), ao longo dos últimos anos, a educação e o processo de ensino e aprendizagem sofreram mudanças significativas. Por muito tempo, o acesso à educação era para a classe dominante da sociedade, a elite burguesa. A escola existia apenas para um grupo seleto de pessoas consideradas inteligentes e aptas para aprender. Contudo, gradativamente, essa situação começou a mudar e o acesso à educação escolar tem sido para todas as pessoas, independente da condição econômica, social, de raça, cor etc.

A luta de classes e as conquistas históricas foram possibilitando a construção e o estabelecimento da cidadania, transformando as perspectivas dos sistemas educacionais, com políticas públicas universalizadas e adequadas a todos. A flexibilização do currículo escolar, o alargamento das séries iniciais, a construção de novas escolas e a capacitação continuada de docentes são reflexos dessas mudanças históricas na educação.

Diante disso, a prática avaliativa se torna ainda mais importante e necessária para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma exitosa e favorável a todos os envolvidos com a educação, o aluno, professor, equipe técnica, pedagógica e a família, já que avaliação tem um impacto na vida de todos, pois delimita o sucesso e o fracasso do sistema educacional e do aluno, abre espaços para oportunidades, para as definições de metas, os rumos a serem tomados, ajudando ao aluno a ter uma boa recuperação dos objetivos perdidos. No geral, a avaliação tem um peso significativo, desde que feita de uma forma justa.

Para que esse processo avaliativo surta o efeito esperado é preciso que escola e família estejam de mãos dadas, e que se tenha um ensino acessível, que se compreenda a necessidade

de cada aluno no que se refere a escola, com interação, incentivo e estímulo de todos que estão envolvidos nesse processo, para que se alcance bom resultado. Mesmo com toda essa preocupação em ter sucesso em meio a aprendizagem, não implica dizer que isto acontecerá em cem por cento dos alunos, pois em meio a tantas modificações para tentar chegar a um resultado satisfatório, ocorrem situações que terminam em reprovação.

Vê-se, então, a importância da avaliação na vida acadêmica, pois é através desse processo que se pode verificar a viabilidade do ensino, se houve absorção por parte do aluno, medindo assim a aprendizagem do mesmo.

A avaliação é uma prática exercida por todos que têm a atribuição de julgar critérios com a finalidade de atribuir notas, conceitos, ou qualquer atividade que tenha relação com avaliação. Considerando a relação entre avaliador e avaliado, e as condições de cada aluno, essas avaliações, devem ser feitas de forma individual e não homogênea, o professor deve ter um cuidado para não utilizar de seus conhecimentos e experiências de vida físicas e emocionais na hora de avaliar, pois, infelizmente, muitas vezes o professor deixa-se levar por suas próprias ideias e conceitos e não observa as condições do aluno no momento de desenvolver qualquer atividade que venha ser avaliada. A prática avaliativa que não observa os diversos critérios se torna injusta, já que cada aluno tem uma maneira individual para aprender, devido a questões sociais, culturais, pessoais e psicológicas.

Nesse sentido, as instituições escolares juntamente com o professor, deveriam se dar conta dessas individualidades, desenvolvendo didáticas que ajudassem aos alunos a compreenderem melhor o ensino para evitar submeter os alunos a uma avaliação perversa e desagradável, as quais, algumas vezes, os deixam sob um estado de tensão, conseqüentemente, um possível trauma e repulsa pelo ensino, agindo assim, a escola pode estar prejudicando o aluno, quando na verdade ele deveria ser o centro de todo o processo de ensino e aprendizagem.

Neste contexto não se pode deixar de relacionar a avaliação do ensino e aprendizagem com o processo de fracasso e sucesso escolar, ambos os processos têm o poder de modificar a vida de quem está sendo avaliado, pois, tanto classifica quanto elimina.

Ao se deparar com uma reprovação, geralmente não se observa os motivos de tal acontecimento, atribuindo a responsabilidade deste fracasso apenas ao aluno. O próprio sistema escolar induz a que se acredite nesta afirmação, quando na verdade, a reprovação é resultado de um conjunto de fatores que envolve escola, aluno e família. A escola geralmente não quer para si o trabalho de avaliar o aluno para identificar algum problema que possa estar causando deficiência na aprendizagem dele, então o avalia de uma forma negativa em suas atividades

escolares, esquecendo que se um aluno fracassa, também fracassa o sistema educacional, ou seja, a escola.

Libâneo (1994) diz que avaliação é:

Uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos, são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progresso, dificuldades e reorientar o trabalho para as correções necessárias. A avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos. Os dados coletados no decorrer do processo de ensino, quantitativo ou qualitativo, são interpretados em relação a um padrão de desempenho e expressos em juízos de valor (muito bom, bom, satisfatório, etc.) acerca do aproveitamento escolar. A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim cumpre sua função pedagógico-didática, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar. (p. 195).

Para o autor, o processo avaliativo é algo necessário para o trabalho do professor, e a prática deve acompanhar todo o processo de ensino e aprendizagem, para assim obter resultados satisfatórios e relativos aos objetivos propostos pelo professor. O autor fala, ainda, que na avaliação, o processo se dá de forma qualitativa e quantitativa por meio de juízo de valor. Ele reforça dizendo que a avaliação não deve se resumir a atribuição de notas, mas também recorrer a verificações de rendimento através de instrumentos a ela relacionada. Ressalta-se aqui, portanto, a necessidade não só dos professores, mas da equipe técnica e pedagógica da escola entender o real papel da avaliação e colaborar para que ela seja um processo de diagnóstico da situação, de acompanhamento dos avanços e recuos da aprendizagem, e de ações que venham a impulsionar o desenvolvimento de quem está aprendendo.

Para Luckesi (1998) o conceito de avaliação é:

Uma apreciação qualitativa relevante do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho. Os dados relevantes se referem a várias manifestações das situações didáticas nas quais o professor e os alunos estão empenhados em atingir o objetivo do ensino. A apreciação qualitativa desses dados se dá através da análise de provas, exercícios, realizações de tarefas etc.; permite uma tomada de decisão para o que deve ser feito em seguida. (p. 58)

Para o autor, a avaliação é uma apreciação qualitativa que auxilia o professor a decidir quais decisões tomar no que se refere ao seu trabalho, ela acontece através de verificação de resultados obtidos por meio de instrumentos avaliativos para determinar se os objetivos propostos pelo ensino surtiram o efeito desejado, para que o professor possa orientar-se quantos as atividades didáticas e seus métodos de ensino.

## 2.2 OS TIPOS DE AVALIAÇÃO

A trajetória da avaliação envolve estudiosos que se dedicaram a compreender o papel da avaliação no contexto escolar com consenso em relação à importância de se determinar antecipadamente os objetivos com a finalidade avaliativa de poder verificar se os alunos os alcançavam em termos de comportamentos, conhecimentos, capacidades (MAGER, 1977).

De acordo com Bloom (1972) a avaliação da aprendizagem acontece em três instâncias diferenciadas, cada uma com suas respectivas características, as avaliações são: diagnóstica, formativa e somativa.

A avaliação diagnóstica, é utilizada para constatar se os alunos apresentam conhecimentos imprescindíveis para novas aprendizagens. O professor com esta avaliação tem a possibilidade de perceber todo o aprendizado do aluno, em qual nível ele está, com isto, ele terá condições necessárias de elaborar suas metodologias relativas à condição do aluno. Essa avaliação ocorre no início do período letivo, justamente para auxiliar o professor a obter informações sobre o aluno, mas, se necessário, a avaliação diagnóstica pode se estender ao longo do ano letivo. Quando ela ocorre desta forma, ela tem o intuito de apresentar o progresso que o aluno está desempenhando durante sua formação; sendo realizada no fim do período, a avaliação serve para analisar o sucesso ou fracasso no ensino, para ser revisto, e reformular todo o processo acadêmico e currículos escolares, se preciso, ou permanecer com o mesmo, se estiver surtindo efeito. Adotar a avaliação diagnóstica implica em ter um novo olhar para a avaliação da aprendizagem.

Para Luckesi(2005):

Em primeiro lugar, há que partir para a perspectiva de uma avaliação diagnóstica. Com isso, queremos dizer que a primeira coisa a ser feita, para que a avaliação sirva à democratização do ensino, é modificar a sua utilização de classificatória para diagnóstica. Ou seja, a avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Se for importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos dos conhecimentos necessários. (p. 81)

Na avaliação formativa, o processo de avaliação acontece de forma continuada, para informar a quem de direito, aluno e professor, se o ensino está sendo absorvido pelo aluno. Esse tipo de avaliação auxilia o professor a identificar o nível de aprendizagem em que o aluno se

encontra após o ensino, também serve para mostrar se o desempenho do professor, suas metodologias e o currículo elaborado estão tendo resultados para professor e aluno.

Neste processo, o professor tem as condições necessárias para confirmar se está havendo sucesso no ensino, detectando então possíveis problemas com fins de resolver qualquer deficiência de sua parte relacionado ao ensino.

Sant'anna (2001) diz:

Formativa tem como função informar o aluno e o professor sobre os resultados que estão sendo alcançados durante o desenvolvimento das atividades; melhorar o ensino e a aprendizagem; localizar, apontar, discriminar deficiências, insuficiências, no desenvolvimento do ensino-aprendizagem para eliminá-las; proporcionar feedback de ação (leitura, explicações, exercícios). (p. 34)

A terceira avaliação e não menos importante que as anteriores é a avaliação somativa. Essa avaliação é utilizada, geralmente, no fim do ano letivo, bimestral, no fim de qualquer processo de aprendizagem. Esta avaliação é utilizada com a finalidade de atribuir notas, conceitos, de aprovar ou reprovar o aluno que está sendo submetido a uma avaliação. Através do processo somativo o professor avalia tudo que foi apreendido pelo aluno no decorrer do ano letivo para identificar se houve fracasso ou sucesso tanto da escola, quanto do aluno.

Para Zabala.(1998)

A avaliação final ou somativa refere-se aos resultados obtidos e aos conhecimentos adquiridos, e o termo avaliação somativa ou integradora para o conhecimento de todo o percurso do aluno. Esta avaliação somativa ou integradora é entendida como um informe global do processo, que, a partir do conhecimento inicial (avaliação inicial), manifesta a trajetória seguida pelo aluno, as medidas específicas que foram tomadas, o resultado final de todo o processo e, especialmente, a partir deste conhecimento, as previsões sobre o que é necessário continuar fazendo ou o que é necessário fazer de novo. (p. 201),

A avaliação, seja qual for o tipo, diagnóstica, formativa ou somativa, é importante para todo o processo acadêmico, não há possibilidade de não utilizar-se deles durante o ensino e aprendizagem, não tem como desvinculá-los do processo avaliativo, pois, precisa-se dos três tipos de avaliação para medir o desempenho escolar, é através delas que pode-se perceber mudanças e obter resultados.

## 2.3- OS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Para se avaliar alguém, precisa-se estar ciente do que se quer avaliar, o que se deve avaliar. Para tanto, é imprescindível que se estipule alguns critérios, pois não existe um padrão

definido para critérios de avaliação, cada avaliador deve definir os seus de acordo com os assuntos expostos em sala e do que o aluno, supostamente, aprendeu.

Nesta perspectiva, o avaliador deve estabelecer seus critérios de avaliação, utilizando o seu senso lógico para tal feito.

Batista (2008, citado por LUCIA, 2013), diz:

Essencial estabelecer a relação entre os conteúdos que se pretende ensinar, o objetivo para este ensino, a forma de sistematização destes conteúdos, para então, estabelecer instrumentos e critérios de avaliação claros e específicos que serão utilizados no processo avaliativo. [...] Não basta, apenas, a divisão dos conteúdos, mas é fundamental que se tenha clareza do que se quer com este ou aquele conteúdo (objetivos) e a forma como serão sistematizados (metodologia) e também o modo que estes conteúdos serão avaliados, ou seja, a definição de alguns instrumentos para avaliações pontuais da aprendizagem e o estabelecimento de critérios de avaliação pertinentes e coerentes com os conteúdos determinados (p. 364).

Segundo o autor, para se estabelecer critérios de avaliação leva-se em consideração alguns aspectos, que são: os objetivos para o que se pretende ensinar, como irá se dar a sistematização dos conteúdos e que instrumentos mais adequados serão utilizados. Esses critérios devem ser claros e específicos, voltados ao conteúdo de cada disciplina. Neles devem ser estabelecidos a metodologia utilizada e os instrumentos avaliativos que se pretende usar na hora de avaliar. Os critérios que se estabelecem não são únicos, eles variam de acordo com o que a escola quer priorizar em termos de necessidades dos alunos, após o diagnóstico das dificuldades e facilidades para que ocorra a aprendizagem. Um dos meios para se conseguir a prática docente nesta direção, é através de discussões em reunião dos professores, de estudo de material adequado, e de decisões na hora da construção do Projeto Político Pedagógico da escola ou mesmo quando da sua reformulação.

Ressalta-se, aqui, que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) já indicavam para a necessidade da avaliação deixar para trás seus aspectos punitivos e caminhar na direção da revisão das concepções de aprendizagem.

A definição dos critérios de avaliação deve considerar aspectos estruturais de cada realidade; por exemplo, muitas vezes, seja por conta das repetências ou de um ingresso tardio na escola, a faixa etária dos alunos de primeiro ciclo não corresponde aos sete ou oito anos. Sabe-se, também, que as condições de escolaridade em uma escola rural e multiseriada são bastante singulares, o que determinará expectativas de aprendizagem e, portanto, de critérios de avaliação bastante diferenciados. A adequação dos critérios estabelecidos nestes parâmetros e dos indicadores especificados ao trabalho que cada escola se



propõe a realizar não deve perder de vista a busca de uma meta de qualidade de ensino e aprendizagem explicitada na presente proposta. (BRASIL, p.59).

Como se vê, os critérios avaliativos devem levar em consideração a realidade de cada aluno, o grau de escolaridade, idade, localidade geográfica, se ele tem as condições necessárias para cumprir os critérios propostos pelo avaliador. O professor deve observar também a instituição de ensino, em quais padrões ela se encaixa socialmente. Com isto, ressalta-se a complexidade para a adoção de mudanças na prática, haja vista que os próprios professores não vivenciaram outro modo de serem avaliados, a não ser através de instrumentos que só registravam a quantidade de conteúdo armazenado, mas não a qualidade do que estavam aprendendo.

Quanto ao grau de dificuldade destes critérios, o ideal é que se estabeleçam critérios específicos e flexíveis para uma melhor compreensão do assunto por parte do avaliado, vindo até a criar critérios diferenciados se necessário. Contudo, não se pode esquecer a meta destes critérios que é um ensino e aprendizagem de qualidade.

## 2.4 AS BASES LEGAIS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Para todos os aspectos que envolvem a questão educação, foram constituídas leis que asseguram o direito de cada modalidade educacional. A lei que rege a educação é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Através dela a educação está assistida em tudo que é necessário saber a respeito de como atuar nesta área.

No que se refere à avaliação não poderia ser diferente. Foram criadas leis específicas para que o ato de avaliar tivesse respaldo para ser efetuada de forma legal.

Com os avanços tecnológicos que vem acontecendo diacronicamente, as leis que asseguram a educação no que se refere a avaliação sofreu algumas mudanças, no intuito de trazer melhorias para a educação, tornando o ato de avaliar mais preciso e objetivo, modificando assim as formas de medir o conhecimento, abrindo espaço para novos tipos de avaliação para se obter melhores resultados.

Pode-se observar abaixo, essas mudanças.

Art. 39. § 1º Na avaliação do aproveitamento do aluno preponderarão os resultados alcançados, durante o ano letivo, nas atividades escolares, asseguradas ao professor,

nos exames e provas, liberdade de formulação de questões e autoridade de julgamento.  
(BRASIL 1961)

Percebe-se que essa lei, a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024 de 20 de Dezembro de 1961, no Artigo 39, parágrafo 1º, traz para a educação uma forma avaliativa única, uma avaliação voltada para a quantidade, uma medição do rendimento escolar pautado em notas e conceitos, ainda diz que também deve prevalecer os resultados obtidos durante o ano letivo em atividades escolares, exames formulados.

Dez anos após, outra lei é promulgada, com implicações na avaliação.

Art. 14. § 1º Na avaliação do aproveitamento, a ser expressa em notas ou menções, preponderarão os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e os resultados obtidos durante o período letivo sobre os da prova final, caso esta seja exigida. (BRASIL 1971)

Na nova lei da educação, a LDB 5.692 de 11 de agosto de 1971, o Artigo 14, no seu parágrafo 1º, ocorre uma pequena mudança, que tem um grau de importância significativo para a avaliação. Esta lei continua fazendo menção sobre a avaliação quantitativa, mas já não a trata como a única forma de avaliação, nem como a mais importante. Ainda na lei, ela vem apresentar para a educação a forma qualitativa de avaliação e que ela deve prevalecer sobre a quantitativa. A mesma lei afirma também que o resultado obtido durante o período letivo prevaleça sobre as provas finais.

A partir destas modificações entende-se que a busca na qualidade de ensino e avaliação está em maior importância do que tão somente atribuir notas.

Nos anos que sucederam essas duas leis (1961 e 1971) aconteceram novas reformulações, evoluindo para uma nova lei, onde reforça o que já estava regulamentado e cria novos parâmetros de avaliação.

Em 20 de Dezembro de 1996 foi sancionada uma nova lei onde mais uma vez traz a questão da educação. No Artigo 24, o Inciso V e a primeira Alínea dizem respectivamente que:

V – a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:  
a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. (BRASIL, 1996)

Vê-se, então, que esta nova lei, a Lei nº 9.394/96, trouxe os mesmos elementos da lei de 11 de agosto de 1971, no que se refere a avaliação, com o acréscimo da expressão “avaliação contínua e cumulativa” devido a necessidade de avançar para um acompanhamento cotidiano dos alunos em sala de aula, rompendo assim, com a prática da vinculação da avaliação com o sistema de notas. Ambas as leis mostram a avaliação quantitativa e qualitativa, sendo a qualitativa se sobrepondo à quantitativa. Na lei de 20 de Dezembro de 1996 ela reforça o que já estava posto e acrescenta que a avaliação deve ainda ser cumulativa e contínua. Partindo disso, o professor fica assegurado na lei de agir dentro da avaliação de uma maneira mais ampla, avaliando o aluno no decorrer de todo o ano, fazendo justamente uma avaliação diagnóstica e formativa, podendo utilizar-se de todo o conteúdo que foi dado em todo o ano letivo, analisando os principais assuntos aprendidos a cada aula e o desempenho individual de cada aluno.

Em suma, o processo avaliativo é importante, uma vez que é através dele que o professor pode fazer uma reflexão sobre seu trabalho. Através da aprendizagem dos alunos o professor pode perceber se o seu trabalho foi exitoso ou se foi em vão. O olhar atento sobre o que acontece a cada aula, indica que formas de ensinar provocam maior aprendizagem.

## 2.5- SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) é um programa criado em 1990 no intuito de verificar o ensino educacional do estudante no país. Essa aferição ocorre a partir de provas e questionários, avaliações essas realizada pelo INEP. No decorrer dos anos, foi incorporado ao SAEB alguns outros modelos de avaliação. Temos a confirmação disso em 2005, onde foram compostas duas avaliações chamadas de Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEB) a qual permaneceu com as mesmas características da avaliação anterior a ela, a outra avaliação é a Avaliação Nacional do Rendimento escolar (ANRESC), esta avaliação é responsável por fazer a avaliação do ensino em escolas públicas, a mesma recebe o nome de prova Brasil. A partir de então, o SAEB vem incorporando esses sistemas de avaliação para melhor aferir o ensino. Em 2013 mais um modelo é incorporado ao SAEB, é a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) com a finalidade de avaliar o desenvolvimento no que se refere a leitura e escrita, como também na matemática.

As aplicações das avaliações acontecem nos anos ímpares, enquanto que seus resultados em anos pares. Em todas essas mudanças destaca-se a dimensão da qualidade educacional. Por

enquanto, esses programas avaliativos acontecem nas séries de fundamental II e médio, mas futuramente ele poderá avaliar também a educação infantil.

## 2.6- A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Segundo Daniela Cordeiro dos santos de Santana, licenciada em pedagogia, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que tem por objetivo alfabetizar jovens e adultos que por algum motivo não tiveram condições de cursar o ensino regular em tempo hábil e de acordo com sua faixa etária de escolarização.

Embora, tem-se a modalidade EJA como um programa relativamente atual, a história da educação no Brasil mostra que, na verdade, programas similares a EJA já vinham sendo desenvolvidos desde a época da colonização.

No início da colonização, a educação no Brasil vinha sendo disseminada pelos jesuítas, que visavam alfabetizar brancos e índios na idade adulta para fins religiosos e de trabalho.

“A educação de adultos teve início com a chegada dos jesuítas em 1549. Essa educação esteve, durante séculos, em poder dos jesuítas que fundaram colégios nos quais era desenvolvida uma educação cujo objetivo inicial era formar uma elite religiosa” (Moura, p.26).

Nessa época a educação era de responsabilidade da igreja, passando no decorrer dos tempos para a jurisdição do governo. Desde então a trajetória do ensino foi modificando-se, passando por transformações e reformas, deixando de ser algo elitizado para abranger todas as classes, atendendo também a pessoas menos favorecidas, tendo um perfil de acordo com sua época, seguindo políticas públicas para melhorar o ensino voltado ao jovem e ao adulto, no intuito de conseguir um ensino de mais qualidade.

Para que esse tipo de ensino tivesse sucesso, foram criados, no decorrer do tempo programas que ensinassem ao público destinado a EJA, para combater o analfabetismo, também foram desenvolvidos fundos nacionais para custear esse tipo de alfabetização.

Diante de tantos programas sociais para educação de jovens e adultos, o governo federal criou a EJA, que atende a duas modalidades: à distância, onde o aluno estuda via internet, com conteúdo disponibilizados em plataformas e sendo assistido por professores online, e a modalidade presencial, que funciona no período noturno consecutivamente.

Segundo a lei de Diretrizes de Bases (LDB) a EJA trabalha com o mesmo sistema de disciplinas que o ensino regular.

Este programa atende a uma população que não teve condições de estudar de forma regular e no período correto para sua idade, que não tem possibilidade, por motivos pessoais, de estar em uma escola normal.

Os alunos matriculados nesta modalidade devem ter acima de quinze anos para o ensino fundamental e acima de dezoito para o ensino médio.

#### LDB - SEÇÃO V DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I – no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II – no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

Geralmente a EJA funciona com sistema de ciclos, em períodos de seis meses, concluído assim de forma mais rápida.

### 2.7- O SISTEMA DE CICLOS NA EDUCAÇÃO

Para Regina Trindade o sistema de ciclos é uma organização que visa superar as reprovações e avaliações quantificadas, onde não há um perfil de aluno inserido nele, pois esse sistema atende tanto ao público jovem quanto o adulto, tornando possível a formação da identidade de quem está nele inserido.

O sistema de ciclos está assegurado pela Lei de Diretrizes de Bases (LDB) Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996

Art. 23. A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar

Para a Lei de Diretrizes e Bases da educação está à disposição das mudanças necessárias no ensino e aprendizagem, no que melhor lhe aprouver, dentro dos aspectos que são referentes ao ensino e aprendizagem, ou seja, ela poderá sofrer mudanças para um melhor ajuste da educação

Para Cláudia Fernandes (2007):

[...] pensar em uma escola em ciclos significa, do meu ponto de vista, pensar em uma escola diferente da que hoje conhecemos. Uma escola possível. Defendo a tese de que, provavelmente a escola em ciclos é hoje uma escola necessária e transitória para uma escola que estamos construindo, que seja mais coerente com nossas questões contemporâneas. Uma escola que precisa reformar, ressignificar seus tempos, espaços, sua gestão, sua concepção de conhecimento escolar, sua concepção de ensino aprendizagem, incluindo aí, a avaliação escolar. (p.95)

Segundo a autora, o sistema de ciclos é uma escola diferente das instituições que há atualmente, algo necessário aos dias de hoje, no qual, estabeleceu-se para dar novos significados ao ensino e a aprendizagem, onde é levado em conta as questões da vida atual como o tempo que o aluno tem para dispor à escola, entre tantos fatores ligados à escola.

## 2.8 INSTRUMENTOS AVALIATIVOS

Segundo Rampazo (2011), é através dos instrumentos avaliativos que o professor tem condições de identificar se o aluno aprendeu ou não os conteúdos ensinados, esses instrumentos não tem um padrão único, eles são diversificados em suas elaborações, fica a cargo do professor e da necessidade educacional do aluno a escolha de qual instrumento avaliativo usar. Para escolher um instrumento de avaliação é necessário o professor pensar, em primeiro lugar, se ele satisfaz o objetivo que foi determinado para o aluno alcançar. Em segundo lugar, se os alunos estão preparados para realizar o que o instrumento está a cobrar.

Alguns instrumentos de avaliação serão comentados a seguir.

**Trabalho em Grupo:** este tipo de instrumento avaliativo é um procedimento metodológico muito usado em sala de aula.

Para o dicionário Houaiss (2001), o trabalho em grupo nada mais é do que a reunião de indivíduos, interagindo socialmente com os mesmos interesses.

1 Conjunto de pessoas ou coisas dispostas proximamente e formando um todo (...) 1.1 reunião de várias pessoas (...) 2. Conjunto de pessoas ou coisas que têm características, traços, objetivos, interesses comuns (...) g. de referência soc. grupo do qual um indivíduo, com ele identificado, infere normas, valores, atitudes, categorias e objetivos sociais a seguir. g. social soc. conjunto de pessoas associadas por processos de interação, a partir de interesses, culturas, crenças comuns e/ ou por conviverem proximamente (p.1487).

Para Veiga (2000), o trabalho em grupo é uma opção metodológica muito eficaz em sala de aula, pois ela permite que o aluno tenha a capacidade de desenvolver atividades sociais, interacionais. Quando se faz qualquer atividade onde os participantes, ou seja, os alunos atuam em conjunto, há uma interação dos envolvidos, com a participação do professor direta no decorrer do processo. Neste tipo de atividade, todos passam a ser atuantes no momento de ensino e aprendizagem, o aluno como o desenvolvedor do trabalho e o professor como mediador, cada um com o seu papel, no intuito de chegar ao fim desejado.

No campo da Didática, sob o enfoque crítico, o ensino socializado é centralizado na ação intelectual do aluno sobre o objeto da aprendizagem por meio de cooperação entre os grupos de trabalho, da diretividade do professor, não só com a finalidade de facilitar a aprendizagem, mas também para tornar o ensino mais crítico (explicitação das contradições) e criativo (expressão elaborada). Nesse sentido, tanto o professor quanto o aluno deixam de ser sujeitos passivos para se transformar em sujeitos ativos, capazes de propor ações coerentes que propiciem a superação das dificuldades detectadas. (VEIGA, 2000, p. 104)

Ainda para a autora, nos trabalhos em grupo os alunos são guiados pelo professor com normas para a execução do trabalho, mas a sua construção vai depender do conhecimento de cada aluno.

O trabalho em grupo é um processo importante onde os envolvidos interagem socialmente, e dividem os mesmos interesses no intuito de promover resultados. Ver-se que no desenvolvimento os alunos é quem criam todo o trabalho utilizando-se de seus conhecimentos, enquanto o professor apenas o auxilia.

Esta forma de trabalho em equipe aproximam os alunos, principalmente aqueles com problemas interacionais. Este método é bem aceitável por alunos e professores, já que é uma boa maneira de socialização.

Segundo Silva e Leal, em artigo publicado em mídia digital, o trabalho em grupo tem o objetivo de gerar discussões utilizando recursos diferenciados como “leitura e sistematização de textos diversos, tanto de forma oral quanto escrita; elaboração e execução de projetos de

pesquisa; dissertação de artigos, resumos, resenhas, sínteses, relatórios; produção de esquemas; preparação de seminários, aula em equipe; dentre outros” (p.7). Ele tem uma gama de opções para se utilizar no momento de seu desenvolvimento, construindo conceitos e promovendo o ensino e a aprendizagem.

Seminário: para Veiga (2000), o seminário é um tipo de trabalho feito por alunos agrupados, onde os alunos envolvidos, devem promover debates e discutir assuntos diversos que estejam ligados ao tema, com auxílio do seu professor. Ele é visto como uma técnica de ensino que propicia o estudo discutido e debatido entre os membros do grupo, cujo resultado leva a uma apresentação por apenas um deles, ou por vários alunos, sempre coordenado pelo professor da disciplina.

Para Merchede (2001), o seminário é uma forma de investigação, onde o aluno amplia seus conhecimentos de maneira crítica, cognitiva e socializada, “Além do aspecto cognitivo da produção do conhecimento, o seminário permite ampliar a socialização; desenvolver a capacidade de investigação crítica e a autonomia e independência intelectual; e a assumir responsabilidades em relação a si e aos outros”. (p.90).

Embora, a técnica do seminário contribua para o aprendizado, ela não é de toda positiva, o autor diz que o seminário tem seus pontos negativos, que é a fragmentação dos conteúdos, pois o aluno não se utiliza das informações na íntegra e acaba estudando apenas pedaços dos assuntos, perdendo-se então informações relevantes, pois ele pesquisa superficialmente. Em alguns casos, também há a falta de comprometimento de alguns dos participantes, sobrecarregando os outros integrantes, sem contar que nas apresentações o professor deixa de ser o responsável pela turma naquele momento, ficando a cargo do grupo o assunto da aula, o que nem sempre está correto.

Ainda as autoras Silva e Leal, dizem que o seminário é um tipo de aprendizagem que ocorre em equipe promovendo a socialização de todos envolvidos, onde os alunos aprendem, ocorrendo assim a troca de saberes, através das pesquisas feitas, das reflexões e estudos realizados para o desenvolvimento do trabalho, ele também ajuda bastante ao aluno que teve um mal desempenho. Esse tipo de instrumento é uma maneira muito adequada de o aluno vivenciar o trabalho do professor em sala de aula, pois no momento da apresentação ele faz a vez do professor, algo muito bom para quem tem o interesse de ser um docente.

Prova: segundo Rampazo (2011), a prova é um instrumento avaliativo mais utilizado pelo professor como meio de aprovação do aluno. Ela é de caráter classificatório e eliminatório, porque esse tipo processo vem sendo utilizado em toda a história da educação.



Para se elaborar uma prova, o professor precisa ter certos cuidados, ele deve construir este instrumento avaliativo de modo coerente. Ela deve ser o mais objetiva possível, conter questões relacionadas ao assunto ensinado em sala de aula, evitando problemáticas pessoais, com muita clareza tanto na escrita quanto nas imagens, para que o aluno possa responder conforme o esperado e não se confunda na hora da resposta e assim se prejudique.

A prova é um instrumento muito pertinente, pois, com ela o professor mede o conhecimento de cada aluno por igual, já que o conteúdo é o mesmo para todos os avaliados, sem cometer injustiças com o aluno na hora da aplicação. Ela pode ser estruturada de forma discursiva e objetiva

Na prova discursiva o aluno organiza suas respostas de forma escrita, apresentando a suas ideias, partindo do conhecimento de leitura e estudo que ele tem.

Este tipo de prova leva o aluno a pensar sobre o assunto exposto, em como desenvolver sua resposta de maneira que seja relativo ao que foi proposto pelo professor, neste momento pode ocorrer um desvio de reflexões, e o aluno se afastar do foco central da sua atividade, e assim responder diferentemente do esperado.

Exemplo de prova discursiva:

00031 PROVA DISCURSIVA

QUESTÃO 1

Descreva a arquitetura principal de um modelo de casa de uso residencial, considerando aspectos como a organização dos espaços, a funcionalidade dos ambientes, a integração com o entorno e a sustentabilidade.

Resposta:

A arquitetura principal de um modelo de casa de uso residencial deve ser planejada com o objetivo de proporcionar um ambiente funcional, integrado com o entorno e sustentável. A organização dos espaços deve ser feita de forma a otimizar o uso da área disponível, considerando a funcionalidade dos ambientes e a integração com o entorno. A sustentabilidade deve ser considerada em todas as etapas do projeto, desde a escolha dos materiais até a construção e a manutenção da obra.

Para a documentação do projeto, deve-se utilizar um diagrama de fluxo que permita visualizar a organização dos espaços e a integração com o entorno. Este diagrama deve ser elaborado de forma clara e objetiva, permitindo a compreensão da proposta arquitetônica.

Para a sustentabilidade, é importante considerar a escolha de materiais sustentáveis, a utilização de energia renovável e a implementação de medidas de conservação de água e energia.

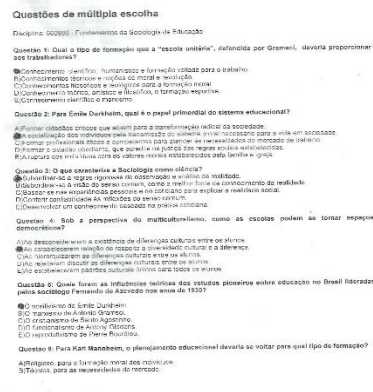
Em suma, a arquitetura principal de um modelo de casa de uso residencial deve ser planejada com o objetivo de proporcionar um ambiente funcional, integrado com o entorno e sustentável.

<http://waltercunha.com/blog/2009/09/26/como-fazer-uma-prova-discursiva-parte-12/>

Na prova objetiva o aluno precisa interpretar as questões formuladas pelo professor. Nesta modalidade o aluno precisa refletir na pergunta feita, na qual a resposta já está articulada, ou seja, ele não deve pensar em como elaborar a resposta, e sim, reconhecer quais das opções dadas é a correta. O aluno nesse tipo de prova fica restrito ao professor, pois é ele quem elabora tanto as perguntas, quanto as respostas, o educando deve apenas assinalar a resposta correta, o

que nem sempre ocorre, pois ele pode não saber a questão e então responder de todo jeito, o que demonstra que o aluno não domina o assunto proposto, levando-o a errar em alguns casos.

Exemplo de prova objetiva:



[www.passeidireto.com/arquivo/47000033/sociologia-da-educacao-unip-interativa-ead-prova](http://www.passeidireto.com/arquivo/47000033/sociologia-da-educacao-unip-interativa-ead-prova)

Luckesi (1996, p.17) diz: “a prova é algo cultural, que o professor já traz em toda sua história escolar; esse instrumento de avaliação vem sendo repetido diversas vezes no decorrer dos tempos”. Para o autor, a prova é um instrumento de avaliação utilizado pelo professor há muito tempo na área da educação, que vem se repetindo ao longo anos. Ela é algo que está intrínseco na cultura, faz parte da história educacional, não se desvincula do professor.

Em concordância com o autor citado, Hoffmann (1993) diz que:

Na sua prática de aula, o professor segue a tendência em reproduzir modelos vivenciados, visto que essa lhe oferta segurança ao devolver os resultados aos alunos, pais, direção, equipe pedagógica e sociedade, transformando-se em uma rede de segurança do professor. (p. 18)

Na realidade, quase todo o comportamento do professor reflete sua experiência de aluno e a tendência de imitar algum professor que o marcou. Modificar sua postura enquanto profissional, vai requerer dele um amplo conhecimento do que pretende realizar. Na área da avaliação da aprendizagem, a prova representa a repetição de uma prática que gera algum conforto ao professor por deixar às claras como anda a aquisição de conhecimento dos alunos.

Debate: na publicação do seu projeto em mídias digitais, Golz (2010), pós-graduada em gestão estratégica educacional, diz que o debate é um método avaliativo que permite o aluno apresentar suas ideias e opiniões a respeito de um determinado assunto a partir de questionamento. Essa técnica de ensino como instrumento avaliativo ocorre entre um grupo de

alunos, que, instruído pelo professor, debate um tema proposto, que deverá ser algo do cotidiano.

Para que o debate tenha o devido sucesso, é necessário que todos os participantes sejam ativos no momento da discussão, inclusive o professor, todos deverão ter o conhecimento do tema que será exposto antes do debate, através de pesquisas e leituras a respeito, trazendo consigo todo o aparato para a discussão para que o debate possa fluir de forma tranquila e satisfatória. Nesse processo avaliativo é fundamental respeitar a opinião e a fala de todos, sem qualquer interrupção em momentos impróprios

Estudo Dirigido: o estudo dirigido é um trabalho desenvolvido individualmente pelo aluno sob a orientação do professor. Este método pode ocorrer em sala de aula e fora dela, desde que o professor oriente o aluno em todo o processo.

Para que este tipo de instrumento ocorra, o professor deve traçar o roteiro do estudo, deixando a cargo do aluno o seu desenvolvimento, algo que é muito promissor para o aluno, pois é nesse momento que ele deverá usar todo o seu conhecimento e desempenho para promover o estudo com sucesso. O professor, nesse tipo de método, deixa de ser o que ensina, para ser apenas o que orienta, pois o aluno deverá aprender sozinho a partir de o que precisa estudar para concluir o estudo dirigido.

Este é um trabalho que necessita de reflexões, pesquisas e a análise crítica do aluno, sem nenhum tipo de memorização. Nesta modalidade de avaliação, o professor apresenta ao aluno qual assunto será abordado no trabalho, então o aluno traça formas de elaborar o estudo, desenvolvendo a sua inteligência, sua capacidade de pensar e refletir, dando a oportunidade ao aluno de aprender através de si próprio, já que ele irá elaborar o trabalho só, embora auxiliado pelo professor.

“É o ato de estudar sob a orientação e diretividade do professor, visando sanar dificuldades específicas. É preciso ter claro: o que é a sessão, para que e como é preparada”. (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 84).

Segundo esse autor, o estudo dirigido é uma forma de aprender, sob a supervisão do professor. No desenvolvimento deste método o aluno precisa ter o conhecimento do assunto, sabendo o objetivo do trabalho, e como ele deve ser elaborado.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para o desenvolvimento metodológico deste trabalho foi escolhida a pesquisa de campo,

utilizando-se o método qualitativo. Ela se desenvolveu com a participação de 4 (quatro) professores de uma escola estadual de ensino, sendo os dados coletados através de um questionário com o objetivo de ter elementos necessários sobre os métodos avaliativos que eles utilizavam com seus alunos.

### 3.1 A PESQUISA

Segundo Gil (2008), a pesquisa é um trabalho científico que visa encontrar respostas para uma problemática no qual se deseja investigar. Esse procedimento permite que o pesquisador adquira o conhecimento no que se refere as realidades sociais ou seja, tudo que permeia o homem e seus significados. A pesquisa é um conjunto de ações que tem uma direção racional e sistemática.

Pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. A partir dessa conceituação, pode-se, portanto, definir pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social. Realidade social é entendida aqui em sentido bastante amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais. Assim, o conceito de pesquisa aqui adotado aplica-se às investigações realizadas no âmbito das mais diversas ciências sociais, incluindo Sociologia, Antropologia, Ciência, Política, Psicologia, Economia etc. (p.26).

Os conhecimentos científicos na área da educação passaram a adotar determinados modelos que antes só se restringiam à área da ciência denominada de exatas, levando os pesquisadores a ter um olhar preciso, controlado e medido para responder pela cientificidade do fenômeno investigado.

Optou-se pela pesquisa qualitativa porque, segundo Minayo (2009), a pesquisa qualitativa é um método que trabalha no universo social. Ela voltada para a realidade humana estudando a sua gama de significados e sentidos, pois o homem em sua realidade é dotado de atitudes, nas quais ele pensa e age conforme o que ele vive no seu dia a dia.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das

aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilha com seus semelhantes. (p.21).

Entende-se, portanto, que essa metodologia de investigação se restringe a fenômenos cujo objetivo é investigar e estudar questões pontuais e tem o ambiente natural como sua principal fonte.

O tipo de pesquisa escolhido foi a pesquisa de campo que, segundo Gonçalves (2001), caracteriza-se pela pesquisa elaborada em um ambiente físico, onde o pesquisador coleta os dados pessoalmente a partir da observação direta dos fatos.

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] (p.67).

Uma característica é que ela define a melhor forma de abordar o problema retirando as informações através de um instrumento de coleta, aqui no caso, foi utilizado o questionário.

### 3.2 O LOCAL DA PESQUISA

O local de pesquisa escolhido foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Olívio Pinto (ANEXO). A mesma disponibiliza o ensino na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA, no período noturno no qual iremos nos deter em nossa pesquisa.

A escola está localizada na Rua Ulisses Alves Pequeno, S/N, no bairro do Valentina de Figueiredo, em João Pessoa, na Paraíba.

A referida instituição, no segundo semestre do ano de 2017 passou por uma grande reforma, devido as necessidades da mesma.

A escola dispõe de um alunado de 763 (setecentos e sessenta e três), no total, sendo 372 (trezentos e setenta e dois), matriculados durante o dia, e 391 (trezentos e noventa e um), matriculados à noite nas turmas de EJA.

A mesma dispõe de uma quadra de esportes, biblioteca, três banheiros, cozinha, onze salas de aula com ventiladores, um almoxarifado, diretoria, pátio, sala de informática, televisão, aparelho de som, área de plantação para experimentos de biologia e ciências.

### 3.3 OS SUJEITOS DE PESQUISA

A escola apresenta um corpo docente no total de 28(vinte e oito) professores, sendo 17 (dezessete) no período diário e 11 (onze) no período noturno na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para a realização dessa pesquisa, participaram 4 (quatro) professores que lecionam na EJA, no sistema de ciclos denominados IV, V, VI, que são referentes ao 8º e 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. A amostragem dos sujeitos participantes foi conseguida de forma voluntária.

### **3.4 O INSTRUMENTO DE PESQUISA**

O momento mais crucial para um pesquisador, depois de decidir a temática da investigação, é escolher o melhor instrumento para coletar as informações necessárias para a realização da pesquisa. Como há diversos tipos de instrumentos, optou-se pelo questionário que é constituído por uma série de perguntas que são respondidas por escrito, sem a presença do pesquisador. As perguntas são claras e cuidadosamente construídas para não confundir quem está respondendo.

O questionário foi elaborado com 13 solicitações de dados dos seguintes focos de informação: dados de identidade, da formação acadêmica, da experiência profissional e da prática avaliativa.

## **4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA**

De posse dos dados, passou-se a fazer a análise das respostas dos professores participantes da pesquisa, tendo como base a teoria exposta no presente trabalho. Os professores foram nomeados de P1, P2 P3 e P4 para preservar o anonimato dos mesmos. Foram 3 (três) do sexo feminino e um do sexo masculino, com a idade entre 30 e 49 anos, todos lecionando apenas em escola pública. O professor em questão, é licenciado em Educação Artística, com Especialização em Educação e é atuante na área da educação, tendo respondido ao questionário marcando a alternativa “entre 6 a 9 anos”. A professora licenciada em Letras Português, marcou “entre 3 a 5 anos”.

As outras duas professoras são licenciadas em História, uma com Especialização em História da América, que marcou “entre 10 a 20 anos” e a outra com Especialização em História do Brasil e da Paraíba, que marcou “entre 6 a 9 anos”.

Esses professores ensinam na escola que foi feita a pesquisa de campo, lecionando nas mesmas turmas, com alunos do ciclo IV que é referente ao 8º e 9º ano do Ensino Fundamental

e a alunos do ciclo V que é referente ao 1º e 2º ano do Ensino Médio, e ciclo VI que é referente ao 3º ano do Ensino Médio, em turmas com 30 a 40 alunos.

A primeira pergunta referente à avaliação, foi com o intuito de saber a compreensão da concepção que eles tinham sobre o que é a avaliação. A questão oferecia 6 (seis) alternativas, podendo marcar mais de uma. O professor P1 marcou as seguintes: “verificar se o aluno aprendeu o conteúdo de sua disciplina”, “auxiliar o professor a observar o desenvolvimento do aluno durante o período letivo”, e “fornecer dados para o professor planejar suas aulas”.

Entende-se que, para o referido professor, a sua concepção sobre a avaliação tem um sentido ampliado. Para ele, a prática da avaliação tem o objetivo de ajudá-lo a perceber se o seu aluno conseguiu aprender o conteúdo da disciplina. Aqui vai uma questão para reflexão: se o professor perceber que não houve aprendizagem, o que fará? Continuará com o conteúdo determinado ou ministrará novamente dando uma nova forma ao mesmo assunto para que, de fato, aconteça a aprendizagem?

Ainda no caso do professor em questão, com as outras alternativas marcadas, indicou que ele faz a avaliação também para observar o desenvolvimento durante todo o ano letivo, significando que ele faz a avaliação não só com a intenção de classificar, mas de acompanhar o desenvolvimento do aluno, usando portanto, a avaliação do tipo somativa e formativa, o que se configura como uma atitude positiva frente ao processo educacional.

Para ele, por fim, a avaliação também é uma maneira de ter elementos para planejar as aulas, pois, a partir dos resultados do seu ensino, ele verá se o aluno está desenvolvendo ou não suas habilidades escolares como convém, para a partir daí elaborar novas formas de ministrar o conteúdo, no intuito de sanar problemas referentes a aprendizagem modificando sua metodologia de ensino.

Para os professores P2 e P3, sua concepção de avaliação é “auxiliar o professor a observar o desenvolvimento do aluno durante o ano letivo”. Entende-se, pois, a partir desta resposta que, para estes professores a prática avaliativa tem o sentido resumido, a avaliação para ele serve para auxiliá-los na observação da aprendizagem do aluno, o que provavelmente se dá através de uma avaliação formativa, já que em sua resposta ele diz que observa o aluno durante todo o ano letivo. Para eles o processo avaliativo, não tem a gama de concepções que está implícito na palavra avaliação, tendo em vista que existe outros tipos de avaliação, os quais foram apresentados no desenvolvimento deste trabalho.

Já o professor P4, a avaliação é “fornecer dados para o professor planejar suas aulas”. Ela serve para que o professor possa elaborar suas aulas. Acredita-se que nesta resposta esteja implícito outros fatores relevantes a avaliação, pois no momento que se pretende fazer um

planejamento de aula, entende-se que o professor já identificou se o aluno aprendeu ou não, pois os dados fornecidos ao professor para elaboração de suas aulas se dá a partir da identificação do sucesso ou fracasso de sua metodologia, daí se mantém ou se modifica o plano da aula.

Na análise das respostas dos quatro professores, percebe-se uma visão diversificadas para cada professor diante da concepção do que é avaliação. Nota-se que o professor P1 é o que tem as concepções que mais se aproximam de uma prática avaliativa, não punitiva, mas mostrou que a avaliação tem sentidos diversos e que é algo usado não só na prática avaliativa direta, ou seja de avaliar o aluno somente, mas também de auxiliar a programar as aulas, elaborar seu currículo educacional e identificar sucessos e fracassos através das observações dos avanços e recuos do processo de aprendizagem.

Para os demais professores vimos que a prática avaliativa não se estende a tantas concepções, ao menos não explícitas nas respostas. Para dois dos professores, P2 e P3, ela está relacionada ao fato de identificar se o aluno aprendeu durante o processo de aprendizagem, não se detiveram aos diversos significados da temática. Entende-se isso a partir do que responderam. Para um deles, o P4, a avaliação é entendida como o processo que o leva a formular seu plano de aula. Para ele a prática avaliativa está mais ligada às metodologias.

A partir desta análise, pode-se entender que os docentes, não sabem o suficiente sobre o que é a avaliação, pois diante de suas respostas, vê-se que para alguns o sentido avaliativo é resumido. Acredita-se que eles tenham mais concepções sobre avaliação do que realmente responderam, apenas não conseguiram identificar na hora de responder o questionário. A prática avaliativa não tem limitações em suas concepções, o seu sentido é bem amplo, mas nem todos os que estão inseridos no meio educacional tem o conhecimento do que esta prática realmente significa.

Vasconcelos (1994) fala da amplitude da avaliação:

A Avaliação deve ser um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática no sentido de captar seus avanços e possibilitar uma tomada de decisões, acompanhando a pessoa em seu processo de crescimento (p.43)

Avaliar não é medir conhecimento, mas sim, um processo que permite ao professor refletir como está sua prática docente em relação à avaliação e, a partir dela decidir o que irá fazer na próxima aula. Um professor que compreende o real significado da avaliação, estende a sua visão para outros horizontes: para a possibilidade de deixar que o aluno adquira novas habilidades, inclusive a de perceber seus avanços e dificuldades e buscar superá-las.



HAYDT (1988) diz:

A avaliação é um processo contínuo e sistemático. Portanto, ela não pode ser esporádica nem improvisada, mas, ao contrário, deve ser constante e planejada. Nessa perspectiva, avaliação faz parte de um sistema mais amplo que o processo ensino — aprendizagem, nele se integrando. Como tal, ela deve ser planejada para ocorrer normalmente ao longo de todo esse processo, fornecendo feedback e permitindo a recuperação imediata quando for necessário. (p. 13-14).

A complexidade do ato de avaliar impede que o professor use a improvisação na hora de usar algum instrumento de avaliação. Saber cotidianamente como está a aquisição dos conhecimentos dos alunos, fornece elementos para um trabalho consciente na direção de atitudes favoráveis a que mais momentos de sucesso aconteçam do que fracassos.

Quando foi perguntado sobre com que frequência os professores realizam as avaliações, os professores P1 e P2 responderam que fazem suas avaliações continuamente. Com esta resposta, percebe-se que os professores sabem que para acompanhar o desenvolvimento dos seus alunos não podem esperar dias ou semanas para verificar o que eles aprenderam. Isto inclui observações, anotações, mas não necessariamente, notas.

O que se percebe é que há uma certa dificuldade em compreender o que é uma avaliação contínua. Ela é aquela que acompanha o aluno em todos os momentos, não só na hora em que está sendo submetido a algum instrumento de avaliação. Hhoffmann (1993) diz que “muitos professores revelam a sua impossibilidade de desenvolver processos avaliativos mediadores, porque estão cercados por normas classificatórias exigidas pela escola”. (p. 70).

Foi perguntado aos professores quais os instrumentos avaliativos eles utilizavam para avaliar seus alunos. O professor P1 respondeu que os instrumentos que usa para fazer as avaliações são: trabalho em grupo, questionário, estudo dirigido e apresentação de trabalho. O professor P2 respondeu que avalia através de prova, trabalho em grupo, estudo dirigido e seminário. O professor P3 respondeu que os instrumentos para avaliar seus alunos são: prova e trabalho em grupo. E o professor P4 respondeu que avalia seus alunos a partir de trabalho em grupo, apresentação de trabalho e debate.

Os resultados apresentados demonstram que somente o P2 e o P3 fazem uso da modalidade prova. Quando se avalia um aluno a partir deste instrumento, deve-se ter alguns cuidados para esse procedimento, pois a prova é um instrumento totalmente elaborado pelo professor, o aluno precisa apenas responder algo pronto, por isso na hora de elaborar o professor deve evitar envolver fatores emocionais. A prova é um tipo de avaliação que tem por objetivo atribuir nota, sendo então de caráter classificatório e eliminatório, acredito que por este motivo

alguns professores preferiram não utilizá-la, ainda assim ela é o instrumento mais usado na hora de avaliar. Embora, através da prova possa se fazer observações para identificar se o aluno está aprendendo o que lhe é ensinado, ela se aproxima mais do tipo de avaliação somativa do que das demais, pois a observação neste caso não é continuada e sim pontual.

Sant'anna (1995), a respeito da prova, se posiciona com o seguinte conceito.

Dependendo de como são elaboradas as provas, ou testes, de como são aplicadas, do ambiente, do estado emocional dos alunos ou do professor, de como os alunos são solicitados a participar, do julgamento do professor, se constituirão numa arma nociva. Quando aplicadas de forma contínua, com feedbacks permanentes, com caráter incentivador de etapas vencidas e indicador de novos horizontes ou de novas portas abertas, se revestem de um estímulo para concretização do conhecimento e auto-realização dos envolvidos no processo. ( p.10)

Para o instrumento avaliativo denominado como trabalho em grupo, percebemos que os quatro professores que responderam ao questionário escolheram esta avaliação.

Entende-se este instrumento, como uma maneira de socialização dos alunos, nesta modalidade o professor tem a possibilidades de observar seus alunos de maneira individual e coletiva, é um instrumento bem acessível e utilizado no meio acadêmico, pois fica a cargo do aluno seu desenvolvimento, o professor apenas avalia e, dependendo do tipo de trabalho, ele pode dar algum auxílio. Através dessa avaliação o professor tem a condição necessária de, tanto observar se o aluno absorveu o assunto do mesmo e atribuir nota.

Para uma avaliação continuada nesse tipo de instrumento, ela precisa acontecer sempre que possível, pois somente desta maneira o professor poderá observar o aprendizado do aluno, mas se for feito em fins de período, não tem como ele perceber se aluno aprendeu algo, pois ele recebe o trabalho pronto e não em construção. Acreditamos que o tipo de avaliação empregada aqui de cunho formativo e somativo, se as avaliações forem feitas periódicas.

Para o instrumento estudo dirigido vimos que dois dos professores o escolheram, o P1 e o P2. Este instrumento de avaliação é mais complexo, ele ocorre de maneira continuada, onde o aluno é quem é seu professor, ele faz suas pesquisas e análise para o desenvolvimento deste trabalho, o papel do professor é apenas lhe dar um roteiro, observar o processo de desenvolvimento e avaliar.

Este tipo de instrumento é um modelo de atividade que atribui nota e é muito satisfatório quando as observações, pois o professor tem a condição de acompanhar o trabalho sendo desenvolvido. Acreditamos que, pelo fato de ele ser algo mais demorado e transmita uma

independência do aluno, os professores não optam por ele. Quanto ao tipo de avaliação, entendemos que é formativa e somativa.

O instrumento apresentação de trabalho foi escolhido por dois professores o P1 e o P4. Este tipo de instrumento serve para que o professor faça suas observações, de como os alunos se comportam em grupo, a interação é necessária neste instrumento avaliativo. O seu desenvolvimento se dar por conta do aluno, o professor lança um tema e eles o desenvolvem, o professor com essa avaliação não precisa se esforçar para elaborar, apenas avaliar quando lhe for entregue, por isso, talvez o trabalho não saia como o esperado, pois ele fica na responsabilidade do aluno. Percebemos que este instrumento se adequa mais a avaliação somativa.

A opção seminário estava no questionário, na categoria denominada de 'outros', esta categoria foi colocada para que o professor tivesse a oportunidade de informar outro instrumento avaliativo de sua preferência que não estivesse exposto na entrevista, o professor que escreveu este instrumento foi o P2.

Acredita-se que esse tipo de avaliação é a mais complexa de todas, neste instrumento o aluno precisa dispor de tempo e atenção para prepará-lo e fazer a apresentação, quanto a uma parte escrita, cada professor decide se é necessária ou não.

O seminário, é uma forma pertinente de avaliação para o professor, pois ele não tem participação nenhuma para o desenvolvimento, precisa apenas lançar o tema a ser pesquisado e observar no dia da apresentação e atribuir a nota, já para o aluno é muito trabalhoso, e nem sempre sai como se espera. Ele faz parte das categorias, instrumentos: apresentação de trabalho ou trabalho em grupo.

O instrumento avaliativo debate, foi escolhido pelo professor P4. Este instrumento é uma maneira excelente de avaliação, para que seja desenvolvido, o professor apresenta o tema a ser pesquisado e estudado para o dia das discussões.

Nesta modalidade, tanto professor, quanto aluno debatem sobre o tema, são todos ativos, atuantes no momento que está acontecendo o debate, não há um detentor do saber, precisa-se apenas que haja o respeito diante da opinião de todos. Avaliar esse instrumento é algo fácil e agradável de se fazer, pois, o professor não precisa se esforçar muito para tal, não há o que receber, nem corrigir, ele deve apenas participar, observar e atribuir a nota aos participantes.

A partir das respostas, concluímos que os professores participantes da pesquisa utilizam instrumentos avaliativos diferenciados, mas nem sempre os mesmos. A preferência maior dos professores foi pelos trabalhos feitos em grupos, pois ele, é um instrumento fácil e acessível.

Todos os instrumentos avaliativos expostos aqui têm a condição de ser do tipo formativo e somativo, desde que feitos da maneira correta e dentro das características dos tipos avaliativos. Se forem feitos de maneira continuada, no intuito de fazer observações e de forma periódica a avaliação pode ser do tipo formativa, se for avaliação feita em fins de períodos, terá caráter somativo. Fica muito a cargo do professor escolher os tipos de avaliação que fará com os seus alunos.

É importante ressaltar que, das avaliações escolhidas pelos professores, nem todas recebem notas, fica a critério do professor avaliar dando notas ou não. Entende-se que a única avaliação aqui exposta que tem por obrigação ter a atribuição de notas é a prova.

Diante do que pode-se entender no quesito instrumento avaliativo, percebe-se que os tipos de avaliação utilizada pelos professores foi a formativa e a somativa, dando maior ênfase a segunda. Quanto a avaliação diagnóstica, não menos importante que as demais, não conseguimos identificá-la nos participantes da pesquisa.

Quando perguntamos se eles acham que a atribuição de notas ao aluno é importante, obtivemos as seguintes respostas: os professores P2, P3 e P4 responderam sim e P1 respondeu não.

Percebe-se que o P2, P3 e P4 dão maior importância a atribuição de notas, e entende-se, a partir disso, que esses professores utilizam os tipos de avaliação, mas, estão mais voltados para a avaliação somativa. Esta é um tipo de avaliação, que se não for feita de maneira cuidadosa, pode chegar a prejudicar quem está sendo avaliado.

Como já foi dito neste trabalho, essa avaliação é um método de atribuição de notas e dever ser feita ao final de cada período, com objetivo de classificar e eliminar. Este tipo de avaliação não é muito viável para se fazer observações continuadas, mas é de suma importância para a área educacional, já que é a partir dela que o aluno passa para a etapa seguinte.

Quanto ao P1, ele demonstrou que a atribuição de notas não é algo muito importante em sua opinião, não significa dizer que ele não atribua, apenas que ele não acha tão relevante.

O que pode-se entender com essa atitude, é que o P1 está mais voltado em observar o aluno, perceber problemas, saná-los e avaliar também, pois, ele não se detém em apenas classificar, mas em ajudar o aluno em seu desenvolvimento. Entende-se, então, que este professor utiliza a avaliação formativa e somativa, dando mais ênfase a primeira.

Foi perguntado se eles atribuem notas todas as vezes que fazem avaliação. A resposta dos professores P3 e P4 foi sim e a dos professores P1 e P2 foi não.

Para esta pergunta, vê-se que o P1 e o P2, dividem as suas avaliações no que se refere a pontuar, pois, em suas respostas eles deixam claro que nem sempre atribuem notas a ela. Entende-se que são flexíveis em suas avaliações.

Quanto ao P3 e o P4, percebe-se que esses dois professores fazem avaliações no intuito de classificar e não de observar a aprendizagem, pode-se dizer que não há uma preocupação com o desenvolvimento educacional, mas sim com a atribuição de nota.

Para a pergunta sobre quantas notas eles atribuíam ao aluno por bimestre, o professor P1 respondeu 2 (duas) notas e P2, P3 e P4 responderam 3 (três) notas.

Diante da análise feita nos dados coletados, a partir das respostas dos professores, entendemos que cada professor tem uma concepção do conceito de avaliação, uns mais abrangentes, outros mais limitados.

Mesmo diante de toda sistemática que o ensino traz atualmente, como formações de professores, formação continuada, programas voltados para o professor no intuito de melhorar o ensino e a aprendizagem, percebemos que os professores ainda estão no ensino mais tradicional, investindo em atividades pontuadas, se utilizando de atividades que precisam receber a nota, vimos tal atitude em algumas respostas do P3 e P4, quando eles afirmaram que toda avaliação que é feita por eles tem atribuição de notas, o que nos leva a acreditar que esses dois professores não fazem uma avaliação continuada, avaliam no intuito só de atribuir nota, não percebo preocupação para com os alunos nas respostas deles. O P2 é um pouco maleável, ele atribui notas, mas não acha tão importante, já que não o faz toda vez que avalia, já o P1, esse, percebemos que é coerente em todas as suas respostas, ele demonstra preocupação com o aluno, com as avaliações, entendemos que este professor é do tipo que observa, analisa, avalia, tudo em prol do aluno e não para “se livrar”, com julgamentos para excluir, mas sim com cuidados para incluir. Acredita-se que este professor é o que mais se aproxima do ato de avaliar com amor, somente para o bem do aluno.

Sobre essa discussão Luckesi (2002), diz “Desse modo provas/exames separam “eleitos” dos “não eleitos. Assim sendo, essa prática exclui uma parte dos alunos e admite, como “aceitos”, uma outra. Manifesta-se, pois, como uma prática seletiva” (p. 168-169)

O autor ainda diz que quem avalia precisa olhar este ato como sendo uma ocasião acolhedora, integrativa, inclusiva. O ato de avaliar é amoroso, que não está para julgar, excluir, mas sim, para acolher, incluir, sempre com a finalidade de ajudar o aluno.

Quando se ouve sobre avaliação, remete-se automaticamente o conceito desta palavra a classificação ou eliminação, não se entende está prática como algo inclusivo e sim excludente. Mas, na verdade a prática avaliativa é bem mais que somente classificar. Esta pratica envolve

amor, tempo, disposição, preocupação, entre outros, pois, quando se pensa desse modo age-se conforme se espera de um avaliador, fazendo todo o processo diagnóstico e formativo para depois fazer o processo somativo.

O ato de avaliar não é apenas dar notas. Avaliar é planejar, objetivar, é acompanhar o aluno, o ensino dele, é ajudar, é pensar nele, não se pode vestir-se de professor e atuar, deve-se viver professor, respirar professor, um educador não se estar professor, se é professor. Educar é envolver-se com o aluno, participar da vida dele, muitas vezes não só no sentido escolar. O professor não é só quantificador, também é coração.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo compreender as concepções sobre a avaliação da aprendizagem na prática dos docentes, identificar os tipos de avaliação e instrumentos utilizados por eles. Tal feito foi realizado a partir da coleta de dados, através de um questionário que foi aplicado na escola Estadual de Ensino Fundamental II e Médio Professor Olívio Pinto.

Diante do que foi realizado neste trabalho, identificou-se que as concepções de avaliação para a maioria dos professores aqui envolvidos são um tanto limitadas. Para eles a avaliação está a serviço da educação apenas para pontuar, atribuir notas, no intuito de aprovar ou reprovar o aluno. Embora os professores observem a aprendizagem dos alunos, viu-se que suas práticas estavam mais voltadas para uma avaliação pontuada do que uma avaliação continuada.

Quanto aos instrumentos avaliativos, percebeu-se que eles fazem uso de instrumentos diversificados, nos quais, tirando a prova, podem ser feitas avaliações diagnóstica e formativa. No que se refere aos tipos de avaliações que é utilizada pelos professores, identificou-se que a mais usada é a somativa, pois, em suas respostas evidenciou-se que os professores preferem classificar e eliminar o aluno em maior escala do que ajudá-los, em segundo a formativa, ao menos para uma porcentagem menor dos entrevistados.

A primeira conclusão que se tira desta pesquisa é que a avaliação é de uma importância imensurável para o desenvolvimento do aluno. Os professores que dela fazem uso, deveriam ser mais instruídos no que se refere a esta prática, pois as avaliações feitas atualmente ainda estão atreladas ao modelo tradicional, onde se avalia para aprovar e não para auxiliar o desenvolvimento escolar. As instituições educacionais, estão sempre inovando práticas formativas para seus professores, no entanto, permite que os mesmos, embora, se atualizem nas questões educativas, não façam o mesmo com o processo de avaliação. Também entende-se que esta desatualização no que se refere ao processo avaliativo ocorre por falta de iniciativa do docente, acham mais fácil manter a prática antiga de avaliar, do que inovar utilizando a avaliação formativa e diagnóstica.

A segunda conclusão que se tira é de que os docentes, em sua maioria, não têm uma preocupação em fazer com que o aluno desenvolva o processo de aprendizagem como deveriam, que esses docentes não querem ter o trabalho de renovar suas práticas educacionais e por isso, eles se mantêm arraigados nas práticas antigas, onde só realizam atividades para aferir notas, não pensam em fazer um processo formativo, agindo assim do modo, aparentemente, mais fácil, que é elaborar atividades, corrigir e pontuar, pois sabe-se que o processo de avaliação continuada exige tempo, disposição e força de vontade por parte do

professor, algo que muitos não se preocupam em disponibilizar.

Registra-se ao final deste trabalho que, apesar de, alguns professores agirem dessa forma despreocupada quanto ao aluno, sabe-se que há alguns que tem a garra e o vigor de ajudar o aluno, de pensar em suas dificuldades em meio ao processo de ensino e aprendizagem. Percebeu-se isso no professor P1 um dos sujeitos da pesquisa, que é um exemplo de educador, se comparado a tantos que desenvolvem suas atividades sem compromisso.

Pode-se afirmar que o desenvolvimento deste trabalho trouxe contribuições ímpares a respeito deste assunto tão complexo que permeia a prática docente, pois, depois da conclusão do mesmo, houve o acréscimo de conhecimentos sobre o processo de avaliação e tudo que está ligado a ele, de uma maneira diferente de quando iniciou-se os estudos para a sua realização. Essa constatação se deu a partir das concepções de autores estudados, dando destaque a Luckesi que desempenha o papel educativo com maestria e de maneira louvável, e também de outros mencionados aqui. Por tudo que foi estudado e analisado, modificou nossa perspectiva diante dessa temática.

Espera-se que este trabalho possa contribuir com os próximos estudos sobre o assunto, e traga reflexões aos que dele fizerem uso para novas pesquisas e que em um futuro próximo possamos nos deparar com professores mais humanizados e capacitados dentro de uma perspectiva positiva de avaliação escolar.



## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Estratégias de ensinagem**. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 3. ed. Joinville: Univille, 2004.

BLOOM, B. S. **Taxionomia de objetivos educacionais**. Domínio cognitivo. Porto Alegre, Globo. 1972.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997

BRASIL, Ministério da Educação e do desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/ SEF, 1961.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1971.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1996..

CRUZ, Camila Cristina Miranda. **Funções da avaliação escolar**. P. 2, mar. 2014. Disponível em : < [http://www.pedagogia.com.br/artigos/funcoes\\_avaliacao/index.php](http://www.pedagogia.com.br/artigos/funcoes_avaliacao/index.php)>. Acesso em: 13/08/2018.

Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb>>. Acesso em: 12/08/2018

**Escola em ciclos: uma escola inquieta – o papel da avaliação**. In.: KRUG, Andréa Rosana Fetzner (org). Ciclos em Revista – **A construção de uma outra escola possível**. Vol.01. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2007.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**, 3 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008.

GOLZ, Fabiana. **Como trabalhar o debate**. Proj. Novo Olhar. Itanhaém, jan. 2010.

Disponível em: <<http://novoolharnoavaliar.blogspot.com/2010/01/permite-ao-aluno-valorizar-o-trabalho.html>>. Acesso em: 20/09/2018.

GONÇALVES, Elisa. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo Ensino-aprendizagem**. Editora Ática. São Paulo, SP. 1988

HOFFMANN, Jussara M. Lerch. **Avaliação da Aprendizagem: Mito e desafio: - uma perspectiva construtivista**. 35 ed. Porto Alegre: Mediação, 2005. 104 p.

\_\_\_\_\_ **Avaliação Mediadora: uma prática na construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 1993.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

LEMO, Valter.V. et al. **A nova avaliação da aprendizagem: o direito ao sucesso**. 2. Ed. Lisboa: Texto Editora, 1993.

.

LIBÂNIO, José Carlos. **DIDÁTICA**. 2ª. Ed, São Paulo: Cortez, 1994.

LUCIA, Maria das Dores. **A visão do professor quanto a critérios de avaliação**. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 2013, Paraná. Disponível em: [https://www.educere.br/uc.com.br//ANAISS2013/pdf/9927\\_5962.pdf](https://www.educere.br/uc.com.br//ANAISS2013/pdf/9927_5962.pdf). Acesso em: 12/08/2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Tipificação da avaliação em educação: uma questão epistemológica**. Jul. 2016. Disponível em :

<[http://luckesi.blogspot.com/2016\\_07\\_06\\_archive.html](http://luckesi.blogspot.com/2016_07_06_archive.html)>. Acesso em : 30/07/2018

\_\_\_\_\_, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem: Estudos e Proposições**. 12ª. Ed. São Paulo, Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 16ª. São Paulo: Cortez, 2005

MAGER, R. F. **Medindo os objetivos educacionais**. Porto Alegre: Globo. 1977

MERCHÉDE, Alberto. **Aula em equipe como estratégia inovadora de ensino**. RBEP. v. 82, n° 200/201/202, jan./dez.2001

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Maria da Glória Carvalho. **Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica**/ Maria da Glória Carvalho Moura – Curitiba: Educarte, 2003.

RAMPAZZO, Sandra Regina dos Reis. **Instrumentos de avaliação: reflexões e possibilidades de uso no processo de ensino e aprendizagem**. Prod. Didat. Pedag. Londrina. Vol. 2. 2011. Disponível em:

<[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2010/2010\\_uel\\_ped\\_pdp\\_sandra\\_regina\\_dos\\_reis.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uel_ped_pdp_sandra_regina_dos_reis.pdf)>. Acesso em 18/09/2018.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?: Critérios e instrumentos**. 7. ed. Vozes. Petrópolis 2001.

SANTANA, Daniella Cordeiro dos Santos de. **Eja: breve análise da trajetória histórica e tendências de formação do educador de jovens e adultos.** Disponível em :

<[http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/28e93eb53881513e51959a43ae232800\\_1862.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/28e93eb53881513e51959a43ae232800_1862.pdf)>. Acesso em: 22/08/2018

SILVA, Fátima Soares; LEAL, Telma Ferraz. **A prática de trabalho em grupo no centro de educação da uepe sob duas óticas: docente e discente.** Disponível em: <

[http://www.fundaj.gov.br/geral/educacao\\_foco/fatima\\_soares.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/educacao_foco/fatima_soares.pdf)>. Acesso em 12/09/2018.

SIQUEIRA, Almir Ribeiro; SILVA, Angela Cristina Carlos; GUIMARÃES, Livia Patrícia Coelho da silva; ALVES, Rosilene Pinto. **Avaliação da aprendizagem: relato de experiência.** Brasília: Centro Universitário de Brasília 2006. Disponível em:

<<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/6731/1/40350122.pdf>>. Acesso em 27/07/2018.

TRINDADE, Regina Aparecida Correia; FETZNER, Andreia Rossana. **O ciclo na educação de jovens e adultos: concepções e desafios.** Disponível em:

<https://anpedsudeste2014.files.wordpress.com/2015/04/regina-aparecida-correia-trindade-andrc3a9a-rosana-fetzner.pdf> . Acesso em: 18/10/2018

VASCONCELOS, Celso dos S. **Concepção Dialética-Libertadora do processo de Avaliação Escolar.** São Paulo, Libertad, 1994.

VEIGA, Ilma P. A. **O seminário como técnica de ensino socializado.** In: Veiga, I.P. A. (org). **Técnicas de ensino: Por que não?** Campinas: Papirus. 2000

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1988.

## APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

Caro Professor,

Estou desenvolvendo meu Trabalho de Conclusão de Curso com o título de “Avaliação Somativa: Punitiva e Conservadora”, orientado pela professora Isolda Ayres Viana Ramos. Gostaria que respondesse o presente questionário para subsidiar o objeto da pesquisa, que é a avaliação da aprendizagem que se pratica na escola.

Grata pela contribuição!

Ângela Meyre Diniz de Moraes

### 1. Dados de Identificação

Sexo: ( ) M ( ) F

Idade: ( ) 20 a 29

( ) 30 a 39

( ) 40 a 49

( ) acima de 50 anos

### 2.: Dados da Formação Acadêmica

( ) Graduação: \_\_\_\_\_

( ) Especialização: \_\_\_\_\_

( ) Mestrado: \_\_\_\_\_

### 3. Dados da Experiência Profissional

Tempo de atuação no Magistério:

( ) menos de 2 anos

( ) 3 a 5 anos

( ) 6 a 9 anos

( ) 10 a 20 anos

( ) mais de 20 anos

Em que sistema de ensino atua?

( ) Público ( ) Privado ( ) ONG

Ano(s) de Escolaridade em que atua:

( ) 6º ano ( ) 7º ano ( ) 8º ano ( ) 9º ano // ( ) 1º ano ( ) 2º ano ( ) 3º ano

Disciplina que leciona:

---

Média do número de alunos por sala:

- ☐ de 20 a 30 alunos
- ☐ de 30 a 40 alunos
- ☐ de 40 a 50 alunos
- ☐ mais de 50 alunos

#### **4. A prática da avaliação**

Na sua opinião, avaliação é:

- ☐ Verificar se o aluno aprendeu os conteúdos de sua disciplina
- ☐ Auxiliar o professor a observar o desenvolvimento do aluno durante o ano letivo
- ☐ Medir a quantidade de conteúdo aprendido
- ☐ Medir o nível do conhecimento do aluno
- ☐ Julgar se aluno está apto para aprovação
- ☐ Fornecer dados para o professor planejar suas aulas

A frequência com que você realiza a avaliação dos seus alunos:

- ☐ Semanal
- ☐ Quinzenal
- ☐ Mensal
- ☐ Continuamente

Os instrumentos que você usa para avaliar seus alunos:

- ☐ Prova
- ☐ Trabalho em grupo
- ☐ Trabalho individual
- ☐ Questionário
- ☐ Estudo Dirigido
- ☐ Apresentação de trabalho
- ☐ Outros: \_\_\_\_\_

Você acha importante a atribuição de nota para o aluno?

- ☐ Sim    ☐ Não

Você coloca nota todas as vezes que avalia o aluno?

- ☐ Sim    ☐ Não

Quantas notas você atribui ao aluno a cada bimestre

---

## ANEXO

Escola Estadual Prof. Olívio Pinto entre 2010 e 2017.



Fonte: Google maps. Acesso em: 04/09/2018.



Fonte: Google maps. Acesso em: 04/09/2018.



Escola Estadual Prof. Olívio Pinto 2018



Fotos tirada por Ângela Meyre Diniz de Moraes – 04/10/2018

Escola Estadual Prof. Olívio Pinto 2018



Fotos tirada por Ângela Meyre Diniz de Moraes – 04/10/2018